

CAPOEIRA NA ESCOLA A PARTIR DA PROPOSTA DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

Rudemar Brizolla Quadros

Orientadora: Carmen Lucia da Silva Marques

Resumo

O presente estudo refere-se à construção de reflexões acerca da possibilidade de inserção da capoeira como conteúdo de aulas de educação física no contexto escolar. Apresenta como problemática desvelar as constituições e sistematizações didáticas a partir dos conteúdos da capoeira na perspectiva cultural. Como finalidade específica, busca criar fundamentações que alicercem a relação entre educação física, cultura corporal de movimento e os conteúdos da capoeira em aulas de educação física no âmbito escolar.

Palavras Chaves: Capoeira; Escola; Cultura de Movimento e Educação Física.

CAPOEIRA IN THE SCHOOL AS THE BODY CULTURE OF MOVEMENT'S PROPOSAL

Abstract

The study presented here deals with building reflections on the possibility of inserting capoeira as a physical education subject within the school context. It shows as case to reveal the didactical constitution and systematization of the capoeira subject from a cultural perspective. As a specific purpose, it seeks to create foundations which may support the connection between physical education, body culture of movement and the capoeira as a physical education class subject, within the context of the school.

Keywords: Capoeira; School; Body Culture of Movement; Physical Education.

CAPOEIRA EN LA ESCUELA POR MEDIO DE LA PROPUESTA DE LA CULTURA CORPORAL DEL MOVIMIENTO

Resumen

El presente estudio se refiere a la construcción de reflexiones acerca de la posibilidad de inserción de la capoeira como contenido de clases de educación física en el entorno escolar. Presenta como problemática desvelar las constituciones y sistematizaciones didácticas por medio de los contenidos de la capoeira en la

perspectiva cultural. Como finalidad específica, se busca criar fundamentos que sirvan de base a la relación entre educación física, cultura corporal de movimiento y los contenidos de la capoeira en clases de educación física en el ámbito escolar.

Palabras Claves: Capoeira; Escuela; Cultura corporal de Movimiento; Educación Física

INTRODUÇÃO

A capoeira já encontra-se inserida em algumas instituições de educação básica do Brasil, sendo praticada no ensino fundamental, médio e superior. Em algumas universidades, ela faz parte do currículo do curso de Educação Física. Em muitas escolas, porém, a realidade tem mostrado que um número expressivo de alunos ainda não experienciaram a prática da capoeira, especialmente por falta de profissionais que se considerem capacitados para ministrar aulas a partir de seus conteúdos e de espaços físicos adequados. Para além destas questões, esbarramos ainda em lentos processos de reconstrução de projetos pedagógicos, que vislumbrem, entre outras prerrogativas, a implementação de currículos que contemplem também a prática da capoeira na escola como conteúdo das aulas de Educação Física.

Assim, buscamos refletir acerca da possibilidade de implementar a capoeira como um conteúdo da educação física escolar, justificando sua inserção e relevância no contexto de aulas de educação física a partir da constatação de sua prática em diversos segmentos sócio-culturais em diferentes tempos da história, o que a faz, sem dúvida, um patrimônio da cultura brasileira.

A capoeira, portanto, é uma das manifestações da cultura que traz, na sua origem, vários elementos com a pretensão de criar um vínculo entre a sua prática e a sua necessária sustentação política e pedagógica, comprometida com a socialização numa perspectiva educacional. Hoje ela é incentivada, protegida e amparada por Lei Federal e reconhecida pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil em 2008 (LUSSAC; TUBINO, 2009, p.14).

Com o intuito de contextualizar a temática e as delimitações deste estudo, convém fazermos referência a nossa trajetória no projeto de extensão capoeira na

escola: cultura e experiência de movimento como conteúdo extracurricular¹, junto ao Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, onde tivemos a oportunidade de participar de grupos de estudos que nos proporcionaram bases teóricas fundamentadas nas chamadas teorias críticas da Educação Física².

Dessa experiência, percebemos o nosso compromisso, enquanto educadores, de dever lutar por um projeto de sociedade transformador que discuta a particularidade sem descuidar do todo, e que, além disso, entenda a capoeira, enquanto mundo de movimento, em direção a um “se-movimentar” do homem na capoeira e no mundo. Das experiências positivas vivenciadas na prática desse cotidiano, emergiu a necessidade de articular a relação extensão, ensino e pesquisa (resgatando os conteúdos da capoeira) com o objetivo de apropriar um conhecimento histórico que propicie experiências de movimento a partir de uma prática pedagógica com intencionalidade e significado.

Dentro das propostas e conceitos que propõem a cultura e o movimento como parte do estudo da capoeira, fundamenta-se o conceito de cultura corporal de movimento ou cultura de movimento³. Este permeia a prática da capoeira na escola e serve de fundamento para o diálogo com os temas capoeira, escola e Educação Física.

Concordando com as afirmações de Falcão (2006, p.60), procuramos adotar o sentido amplo em que a capoeira será tratada dentro dessa perspectiva, ou seja, como cultura de movimento. Isso implica, objetivamente, uma mudança de concepção em relação ao ensino vivido dessa manifestação. Não se trata de uma reprodução de modelos, gestos, rituais e fundamentos, mas de desafiar o professor e os alunos a ampliar os conhecimentos em relação à capoeira e ao mundo, através de processos didático-pedagógicos críticos que questionam a adaptação e a submissão e visam ao esclarecimento, à competência e à autonomia.

¹ Atividades de extensão extraclasse em forma de clube no contra turno escolar, que tem como objetivo criar um espaço cultural com a comunidade escolar, onde se possibilite uma discussão sobre o tema capoeira.

² Segundo Kunz (1998, p. 116), as propostas denominadas críticas fundamentam sua concepção em teorias filosóficas, sociológicas, políticas e econômicas de tendências críticas em relação à sociedade e educação, especialmente os passos das discussões ocorridas nas ciências da educação. Atualmente, pode-se considerar, procuram caminho próprio. O autor interessa-se por essas teorias por terem um projeto mais amplo, não apenas para a educação Física isoladamente, mas também para o ensino em geral, para a educação, para a escola, enfim para a Sociedade e para o homem.

³ Os elementos metodológicos aplicados à capoeira neste estudo estão em diálogo com as abordagens críticas da educação física escolar, mais especificamente, considerando a cultura corporal de movimento ou cultura de movimento e os pensamentos de (BRACHT, 2006), (MARQUES,1998), (BETTI, 2007), (DAOLIO, 2004) e (KUNZ, 2006). Cabe ainda ressaltar que, em momentos distintos deste texto, aparecerá ora o termo “cultura de movimento”, ora “cultura corporal de movimento” e às vezes ambos, considerando sempre o autor que fundamenta o trecho textual respectivo.

A capoeira, enquanto cultura de movimento, na proposta aqui apresentada, segundo Falcão (2006, p. 61), está vinculada ao “se-movimentar” do homem concreto, que tem história, que tem contexto, que tem vida, que tem classe social, enfim, um homem com inerente necessidade de se movimentar na busca da emancipação e da liberdade.

Pensamos, assim, que a cultura de movimento pode ser uma importante forma de reflexão pedagógica sobre a apropriação da capoeira como um conteúdo trabalhado pela Educação Física na escola. Entendemos ainda que esta perspectiva permite desenvolver uma reflexão pedagógica que envolve, além dos movimentos das técnicas corporais empregadas no jogo da capoeira, também os movimentos das experiências e expressões culturais, ressaltando a carga cultural e histórica que esta modalidade carrega.

Pretendemos, dessa forma, neste estudo, desenvolver uma reflexão crítica e contextualizada sobre as contribuições que a capoeira poderá trazer para compreendermos o movimento humano⁴, ancorando nossas reflexões a partir da área educacional, mais especificamente da área da Educação Física escolar. Assim, tomamos como pressuposto o paradigma da reflexão fenomenológica do movimento, o qual segundo Trebels (1992), pressupõe a compreensão de que o movimento configura-se como um diálogo entre o homem e o mundo, o movimentar-se, que dá base à construção do conhecimento pelos sujeitos, relacionando-os com seu mundo vivido.

Basei, 2008, corrobora com tal afirmação, quando entende que a interpretação dos fenômenos (como ocorrem) oferece a possibilidade de tratar de alguns elementos culturais, como os valores, que caracterizam o mundo vivido dos sujeitos. Nesse sentido, a construção do conhecimento e o conhecer dependem do mundo cultural dos sujeitos e de sua interpretação dos significados e da intencionalidade destes, fundamentando, assim, a perspectiva da cultura de movimento que se estabelece como a base teórica deste estudo.

Falar sobre as possibilidades da capoeira enquanto conteúdo da Educação Física escolar traz, inevitavelmente, a necessidade de localizarmos esta modalidade esportiva em seu contexto num momento histórico em que se encontram os motivos e/ou necessidades de sua gênese em estar presente nos currículos escolares. Segundo Falcão (2006), são os fatos históricos representados através de rituais e de cantigas que, ao

⁴ Considerando movimento humano a partir do conceito de Andreas (1998, p. 135-147), que faz uma análise da Tese de Tamboer “Imagens do homem atrás de imagens de movimento”, investigações cinantropológicas sob a perspectiva da educação do corpo.

serem explorados pedagogicamente pelo professor, podem se configurar como importantíssimos elementos no processo de entendimento da realidade sócio-histórica brasileira. O autor nos alerta para uma análise crítica da capoeira em sua trajetória⁵.

Logo, para cumprir com nosso intuito, inicialmente desenvolvemos uma breve exposição sobre a capoeira, desde a sua origem até os dias atuais. Num segundo momento, tecemos reflexões sobre a escola e a Educação Física, fazendo relações entre cultura de movimento e a área da Educação Física escolar. Por fim, fundamentamos as possibilidades de inserção da capoeira na escola enquanto conteúdo de aulas de Educação Física a partir do paradigma da reflexão fenomenológica.

Os caminhos metodológicos utilizados neste trabalho se constituíram a partir da pesquisa qualitativa, de acordo com Martins (2004)⁶.

OS CAMINHOS DA CAPOEIRA

A formação da cultura brasileira tem um caráter peculiar e heterogêneo devido aos diversos povos que aqui se estabeleceram e aos diferentes costumes que trouxeram. Além disso, inúmeras miscigenações ocorreram com o passar dos anos, surgindo assim um povo com suas peculiaridades, mas, ao mesmo tempo, com muitas coisas em comum. Somos o país de muitas manifestações populares, entre elas, a capoeira, que vem se firmando como uma forma de expressão cultural enraizada na história do Brasil. Para entender a capoeira, é preciso agregar os fatos e relacionar com os momentos históricos vividos por ela.

É necessário compreender que a capoeira, como luta ou jogo, não atuou nem se manifestou da mesma forma durante todo o período e em todas as regiões onde era encontrada a sua prática. Inserida no contexto social, cultural, político e econômico do Brasil, a capoeira dialogou com o ambiente em que habitava e com as respectivas mudanças nos cenários regionais e nacional ao longo do tempo (LUSSAC; TUBINO, 2009, p.07).

⁵ Falcão (2006, p.70) - explicar não no sentido de retornar aos “velhos e bons tempos”, pois qualquer tentativa nesse sentido seria um “retorno transformado”, mas no sentido de compreendê-la melhor e implementar novos horizontes para a mesma. Afinal, a capoeira é um palco de tensões, onde forças reprodutoras e transformadoras coexistem dinamicamente.

⁶ Segundo Martins (2004, p.50), a pesquisa qualitativa a partir dos conceitos é produzida pelas Ciências Humanas e se fundamentam no plano das Ciências Humanas, mas estamos tentando focalizar o que surge a partir do interior da linguagem na qual o homem está mergulhado, na maneira pela qual representa para si mesmo, falando o sentido das palavras ou das proposições e, finalmente, obtendo uma representação da própria linguagem

Segundo Silva (1995, P. 11), a teoria mais aceita indica que a capoeira se originou entre os afro-brasileiros, isso porque os historiadores afirmam que, nos países africanos e nos outros países influenciados pela raça negra, não ocorre nada parecido com a capoeira, de forma que se pode concluir que ela foi criada em solo brasileiro.

A princípio, a capoeira era vista apenas como uma forma de lazer, divertimento, entretenimento e dança praticada no meio das plantações e nos arredores das senzalas. Para Vieira (1995), a capoeira foi gerada no Brasil pelos escravos, que eram trazidos da África. Ela foi mais bem desenvolvida dentro das formações quilombolas, que eram formações de escravos fugidos, e tinha o intuito de proporcionar maior resistência física e cultural contra o sistema opressor da época do Brasil colônia. Nestes locais, ela se solidificou como luta de ataque e defesa contra os agentes opressores que, a mando dos senhores de engenho e do estado, tentavam coibir a existência dos quilombos⁷. Os escravos não possuindo armas para se defenderem e movidos pelo instinto natural de preservação da vida, descobriam, no próprio corpo, a essência da sua arma, a arte de bater com o corpo, tomando como base as brigas dos animais, suas “marradas, coices, saltos e botes, aproveitando ainda as suas manifestações culturais trazidas da África para criarem a capoeira” (SANTOS, 1990, p. 18).

Com a extinção do quilombo, a capoeira passou a ser praticada em diferentes lugares. Agora, já nitidamente como recurso de ataque e defesa, paulatinamente, foi se introduzindo pelas periferias das cidades. “Nela, os homens foram se exercitando, recebendo ensinamentos daqueles que a tinham visto e praticado. Assim, embora originária dos negros, a capoeira foi assimilada e desenvolvida pelos mestiços, mulatos, homens híbridos e dotados de uma complexa agilidade” (SILVA 1995, p.15).

Durante a Monarquia, a capoeira andou com inteira liberdade, tornando-se notável por suas façanhas, criando assim uma proliferação e ao mesmo tempo um desvirtuamento da capoeira. Silva (1995, p. 16) afirma que, ao final desse período,

⁷ Os quilombos eram as “Aldeias em que se concentravam os escravos que fugiam das fazendas, minas e casas de família, onde eram explorados e sofriam maus tratos. Os escravos, para não serem encontrados, escondiam-se nas matas, nos lugares mais inacessíveis, como o alto das montanhas e grutas. Aí se reuniam e levavam vida livre. As pequenas aldeias eram também chamadas mocambos. Os maiores quilombos eram formados por vários mocambos. (Dicionário Aurélio <http://www.dicionarioaurelio.com/dicionario.php?P=Quilombo>)

surgiram grupos como as Maltas⁸ da capoeira no Rio de Janeiro, que disputavam os espaços demarcados identitariamente.

As divergências entre os grupos e o desvirtuamento fizeram com que o governo tomasse atitudes para extinguir a capoeira das ruas. A partir deste momento, os seus praticantes viveram momentos de terror, grande número de capoeiras de todas as classes sociais foram presos e deportados.

Sampaio Ferraz deportou grande número de capoeiras que existiam no Rio de Janeiro, mas como bem afirma Luiz Edmundo “deportou capoeiras, mas não extinguiu a capoeiragem”. Esta resistiu, fugindo para os morros, deixando as ruas da cidade, tornando-se mais civilizada (SILVA, 1995, p. 19).

No mesmo resgate histórico, Lussac e Tubino (2009, p.9) afirmam que, no início da república, final de século XIX, a capoeira foi proibida por lei e toda a documentação desta época foi destruída. Com isso, houve uma queda no número de suas manifestações.

Segundo os mesmos autores, desfeitas as maltas da capital da República, os capoeiras, agora sem uma identidade de grupo que tinham antes, seguiram outros caminhos e outras formas de sobrevivência e de relações de interação entre si e entre os demais grupos da sociedade.

De acordo com Silva (1995, p.19), a capoeira, enquanto prática corporal começa a ser documentada na primeira década do século XIX, no Rio de Janeiro. A palavra “Capoeira” foi o termo usado para designar também seu praticante. Os novos interesses políticos, no início do século XX, tentando tirar proveito da capoeira, assinalaram um novo momento com o aproveitamento de muitos capoeiras nas campanhas eleitorais. Já na década de 30, a capoeira beneficiou-se das atitudes populistas do governo de Getúlio Vargas, que liberou a expressão das manifestações populares. Neste período, alguns mestres organizaram e criaram pequenas academias no Rio de Janeiro e em Salvador, entre estes mestres, encontra-se Manoel dos Reis Machado, mais conhecido, no mundo da capoeira, como “Mestre Bimba, que recebeu a oficialização da prática da capoeira em sua academia. Mais tarde, em 1937, pela então Secretaria da Educação, conseguiu o

⁸ As Maltas, segundo Soares (1999), eram grupos de negros e brancos de baixa renda de inúmeras origens que praticavam a desordem. As classes média e alta da época temiam esses grupos de capoeiras, que além de utilizarem o corpo com notável habilidade, usavam facas e navalhas em suas arruaças.

registro oficial que qualificava a capoeira como curso de educação física” (Ibidem, p.22).

A partir deste momento, a capoeira caminha em passos lentos para seu aproveitamento como cultura, e a repressão sobre ela começa a decrescer, ela renasce, ganha espaço e prestígio, pois perde seu objetivo principal do tempo da escravidão, que era a de lutar pela liberdade. Segundo Falcão (1995, p. 175), ao retirar a capoeira do terreiro e colocá-la em recinto fechado, mestre Bimba conquista autoridades e profissionais liberais, possibilitando a participação de camadas sociais superiores.

No caminho percorrido pela capoeira, passaram-se quase dois séculos, mas para analisarmos a essência da capoeira, temos que voltar no tempo e considerar o contexto da realidade sócio-cultural de espaços com seus registros identitários e territoriais. Neste olhar, destacam-se dois estilos com características distintas que separam a capoeira em sua vertente tradicional e moderna. Esses estilos são denominados Capoeira Angola e Capoeira Regional (VIEIRA 1995).

Segundo Lussac e Tubino (2009, p.11), mestre Bimba foi precursor da capoeira regional, influenciado pelo trabalho de sinhozinho. Ele utilizou os seus conhecimentos de Capoeira Angola e de Batuque para criar uma pedagogia para a prática esportiva da capoeira, modalidade que veio, mais tarde, a se chamar de Luta Regional Baiana. O nome “regional” sugere que teria sido em oposição ao nacional (capoeira tal como a praticada no Rio de Janeiro, nas primeiras décadas da República). Devido à criação dessa nova categoria de capoeira, Mestre Pastinha batiza a sua capoeira de Capoeira Angola. Mestre Pastinha dizia que: “Angola, capoeira mãe. Mandinga de escravo em ânsia de liberdade”. Tanto a capoeira Regional como a capoeira Angola, mais tarde, viriam a compor grande parte das matrizes irradiadoras da capoeira pelo Brasil e pelo mundo.

Ambos os mestres percorreram caminhos, até certo ponto, distintos. Mestre Bimba incorporou outros movimentos de lutas orientais e do batuque. Por outro lado, mestre Pastinha, igualmente empenhado na legitimação da luta, reagindo àquela mestiçagem da capoeira, afirmava-lhe a pureza africana, difundindo o estilo da capoeira Angola e procurando distingui-la da regional. “Tanto Bimba quanto Pastinha elaboraram, por meio da capoeira, estratégias simbólicas e políticas diferenciadas que visavam , em última instância, ampliar o espaço político dos negros na sociedade brasileira” (REIS, 2004, p.190).

Em relação a qual estilo de capoeira deve ser ensinado na escola, entendemos que ambos: Angola e Regional fazem parte de uma construção histórica, com todas as suas particularidades e suas contextualizações e devem ser oferecidos aos alunos, do contrário, estaríamos negando informações importantes sobre todas as fases pelas quais a capoeira passou desde sua origem. Propomo-nos em nossa reflexão, a contextualizá-los historicamente, trazendo, à luz da discussão, os elementos fundamentais desta temática.

Para Falcão (2006), é na roda que o capoeira é livre para jogar como e quando quiser, sem pretensão de obter qualquer lucro. A partir desse enfoque, a capoeira reflete o sentido de uma atividade descompromissada, à vontade, sem objetivos práticos e imediatos. Vista sob a ótica do jogo, ela consegue atender à necessidade de fantasia, utopia, justiça e estética e, ainda, desperta o gosto pelo inesperado, pelo imprevisível.

O jogo nos dá a possibilidade de interação, ou seja, agir com outras pessoas e com outras coisas num ambiente agradável e descontraído, que chamamos de ambiente lúdico ou de brincadeira (SANTOS 2002, p. 17). A capoeira, em qualquer de seus estilos, por ser eminentemente prática, enfocando no jogo da roda um de seus momentos mais sublimes e característicos, e por se consolidar a partir de movimentos corporais, funciona como importante agente facilitador no trato com o movimento. O ritual da roda talvez seja o momento que melhor simbolize a expressão da troca coletiva. A roda da capoeira é uma prática social, científica e política; ela funciona como meio de formação de uma identidade cultural e de representações simbólicas de valores sociais para seus praticantes.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E A PERSPECTIVA DA CULTURA DE MOVIMENTO

A idéia de trabalhar a capoeira como conteúdo na escola poderá voltar-se, dependendo das propostas e sistematizações de conteúdos previstas, para qualquer nível de ensino dentro do contexto formal, ou seja, na educação física escolar, considerando nosso entendimento de que a mesma apresenta uma grande possibilidade de exploração no contexto da educação, na perspectiva da cultura de movimento, a sistematização de conteúdos poderá estabelecer diferentes experiências de movimento relativos à capoeira, em cada um dos períodos/currículos da educação básica.

Nas últimas décadas, a capoeira surge com a idéia de ser um esporte de fácil acesso para um processo de crescimento individual e coletivo, sendo também avaliada como importante meio de educação. Ela se tornou uma modalidade esportiva originalmente brasileira que vem se desenvolvendo cada vez mais não só no Brasil, mas também no exterior, sendo hoje aceita em todas as classes sociais e adaptando-se à nossa realidade social. Porém, há uma significativa falta de acesso a este conhecimento e entendimento por parte dos profissionais de Educação Física, pois apenas contemplá-la como conteúdo não significa necessariamente reproduzi-la de forma institucionalizada. Além disso, quanto à sua inserção (da capoeira) em aulas de Educação Física, ainda esbarramos em alguns confrontos entre o trabalho pedagógico e a gestão escolar.

Neste sentido, Silva (1995, p. 26) alerta que não devemos nos limitar a distribuir tarefas padronizadas, que restringem o desenvolvimento daquelas capacidades e impedem o desabrochar da personalidade. Se o aluno ficar limitado à apenas aprender simplesmente as tarefas que o mestre lhe mostrar e as lições que lhe forem passadas, esse aluno se tornará um homem que apenas desenvolverá o que lhe for mandado fazer sem questionar, não terá criatividade, não terá iniciativa, neste sentido, apenas obedecerá, não desenvolverá espírito de liderança.

Portanto, é importante discutir como a escola irá abordar os conteúdos da capoeira nas aulas de educação física, já que a capoeira deve, em primeiro lugar, atender a formação lógica do educando. Dessa forma, salientamos que a educação física, como prática escolar, deverá ser distinta das atividades desenvolvidas em clubes fora da escola. É preciso ainda que tenhamos o entendimento de que a escola não tem o papel de formar capoeiristas, porque este objetivo não é função social da escola, todavia esta última deve aproveitar as possibilidades pedagógicas que a capoeira nos oferece, em outras palavras, a construção da autonomia e do senso crítico dos alunos.

Segundo Falcão (2006, p.71), para a viabilização da capoeira na escola, enquanto conteúdo da educação física escolar, não basta que o ensino-aprendizagem da capoeira se realize apenas pelo viés da técnica, do espetáculo, do rendimento. É preciso ir muito, além disso. A capoeira deve ser vivenciada e analisada a partir de suas próprias mudanças, de sua leitura histórica, de seus condicionantes, de modo a permitir o desenvolvimento de suas contradições. Dessa maneira, a capoeira representa uma grande possibilidade de exploração da cultura.

O conceito de cultura já está fixado na Educação Física, tendo começado as suas inserções a partir da década de 80, quando esse conceito passou a estar cada vez mais presente na Educação Física (DAOLIO, 2004). O mesmo autor sugere que possivelmente as Ciências Humanas tenham contribuído em parte nesta transformação. Além disso, outras áreas do conhecimento estão dando maior suporte a esta nova realidade, tais como: Antropologia Social, a Sociologia, a História, a Ciência Política entre outras.

Santos (2009), afirma que, por meio do corpo, expomos a impressão que a cultura nos imprime em um determinado momento, tempo e espaço, devolvendo à cultura a nossa marca. Para o autor, os dois processos ocorrem simultaneamente.

O corpo é uma ponte entre o ser humano e sua cultura, posso pensá-lo como um signo que se estabelece entre o sujeito e a cultura. O corpo é do ser humano assim como é da cultura. O corpo como uma forma de mostrar o sujeito e a cultura, uma imagem que mostra a sociedade. (SANTOS, 2009, P.127)

Assim, consoante Bracht (2006, p.124), busca-se difundir a idéia de que o aluno deveria ter acesso, por meio da Educação Física na escola, ao amplo espectro das práticas corporais produzidas pelo homem ao longo da história e, portanto, o aluno deve ter o direito de conhecer os elementos da cultura corporal de movimento, as manifestações culturais nacionais e locais, entre outras, garantindo, assim, a diversidade cultural.

Para Betti a lista de desafios a serem enfrentados pela Educação Física é grande.

O primeiro e mais geral desses desafios é considerar o se movimentar como gestos expressivos, ou seja como signos, o que nos leva privilegiadamente ao tema da linguagem e expressão e só depois ao da cultura. Em outros termos, se inevitavelmente somos seres culturais, é preciso, todavia, dar um passo aquém da cultura e depois a ela retomar para melhor compreender seu dinamismo. (BETTI 2007, p. 215)

Segundo Betti o movimentar-se significa confrontar vivências e formas de “Se movimentar” consigo mesmo e com outrem, por meio da fala ou de outros gestos. Em suma, pensar e conceituar sobre o movimento são todos modos de expressão do ser⁹.

Nesse conceito, o movimentar-se humano é compreendido como forma de comunicação com o mundo. É uma linguagem que, portanto, se refere ao mundo do simbólico. Conforme Betti et al. (2007), o que qualifica o movimento enquanto ação humana é o sentido/significado do mover-se, sentido/significado estes mediados simbolicamente e que colocam o homem no plano da cultura.

Nessa condição, o movimento humano é visto de forma relacional, constituindo-se nas relações entre o sujeito e o mundo, onde fatores internos e externos interagem determinando as possibilidades e os limites da ação de movimento, constituindo, dessa maneira, uma totalidade que só pode resultar deste processo dialógico estabelecido. Assim, o “se-movimentar adquire uma forma de compreensão do mundo pela ação”, devendo ser visto como um “diálogo entre homem e o mundo” (BASEI 2008).

Dessa forma, devemos ver o homem que “se movimenta” como um ser no mundo, rico em intencionalidade, esta última como responsável pelo dar sentido e significado às ações humanas, promovendo, assim, sua relação com o mundo. Para tanto, precisamos buscar, na concepção do “se-movimentar” de Kunz (1991), fundamentações que caracterizam essa concepção e a aproxima dos conceitos de movimento.

As contribuições para a Educação Física relacionadas ao contexto “movimentar-se” e sua interação com o mundo do ser humano é, para Folle et al (2008), as relações entre a Fenomenologia e Educação Física, as quais também são enriquecidas quando mantêm seu foco sobre o movimento humano, destacando a plenitude das vivências de movimentos e considerando o sujeito que se movimenta como carregado de intencionalidade, sentido e significado.

De acordo com Kunz (2003), pode-se afirmar que a Fenomenologia contribui para que a Educação Física auxiliasse na formação de sujeitos autônomos e conscientes do seu “se movimentar”.

⁹ Não iremos realizar uma discussão teórica ou revisar os conceitos do movimentar encontrado na literatura, mas sugerimos o trabalho de Betti et al. (2007, p.39-53).

FUNDAMENTANDO A CAPOEIRA COMO CONTEÚDO DE AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR- CAMINHOS PARA POSSÍVEIS CONCLUSÕES

Podemos, a partir das fundamentações que argumentam as relações entre a capoeira e seu significado na perspectiva da cultura de movimento, sintetizar que a esta prática corporal é dotada de fortes traços culturais e, como tal, repleta de significados. Sendo assim, não pode ser tratada somente como movimentação do corpo. A capoeira, é constituída também por sua história de luta e de formação de um povo, traz consigo uma série de saberes que passa tanto pela arte de luta como pela história e cultura brasileira.

Por tudo isso, justifica-se a importância da capoeira e da sua inserção no currículo escolar, uma vez que possibilita ao aluno identificar-se com os aspectos que mais lhe convém e assim ter acesso a totalidade do tema em questão.

É possível, pois, expressar a nossa cultura através da capoeira também dentro do ambiente escolar, promovendo e desenvolvendo esse patrimônio que ainda não foi devidamente reconhecido.

O professor, sem dúvida, precisará de conhecimentos básicos da capoeira, do desenvolvimento sócio-cognoscitivo e do processo de aprendizagem, não para nivelar comportamento ou estabelecer regras e metas a serem alcançados por todos os alunos do grupo, mas para que todos possam vivenciar este conteúdo democraticamente. Isso implica que o professor tenha a sensibilidade para perceber e passar os significados culturais e históricos que estão por trás de cada movimento e também para proporcionar uma aprendizagem vinculada às experiências de movimento de cada aluno.

Esse é o desafio para os Mestres e educadores: como conseguir ensinar os movimentos da capoeira no âmbito do “movimentar-se” a partir da cultura que ela representa? Em vista disso, esse estudo não teve como objetivo trazer uma resposta didática pronta, mas a estimular os profissionais de Educação Física a introduzir a capoeira em suas aulas, contribuindo com a possibilidade de que este intuito se concretize, alicerçado, conforme Kunz e Surdi(2009), pela “visão fenomenológica do movimento humano”, onde o movimento manifestado como um gesto criativo deve orientar o trabalho na educação física, para que esta, segundo os mesmos autores, “consiga recuperar seu real sentido no processo educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREAS, H. T. Movimentar-se: Aprender e ensinar. In: **Seminário Brasileiro em “Pedagogia do Esporte” Escolar**. Santa Maria-RS, 1998.

BASEI, A. P. A fenomenologia e a Educação Física Escolar: o sentido/significado do movimentar humano. **Revista Digital - Buenos Aires** – Ano 13 - Nº 119 - Abril de 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires: Acesso em: 07 maio 2011.

BETTI, M. Educação Física e cultura corporal de movimento: Uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v.18, n, 2 p.207-217,2 sem.2007.

_____. Por uma didática da possibilidade implicações da fenomenologia de Merleau-Ponty para a educação física. **Revista Brasileira Ciência do Esporte**, Campinas, v.28 n.2, 2007.

BRACHT, V. Cultura corporal e esporte escolar: fator de inclusão e desenvolvimento social? In: REZER R. (Org.) **O fenômeno esportivo: ensaios críticos-reflexivos**: Chapecó: Argos, 2006.

CAMPOS, H. **Proposta curricular de educação física para o ensino de primeiro e segundo graus**, Salvador; Secretaria da educação e Cultura: departamento de educação física e recreação, 1986.

DAOLIO, J. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. Campinas, Autores Associados, 2004.

Dicionário Aurélio. Significado de Quilombo Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php>? P Acesso em: 07 maio 2011.

FALCÃO, J. L. C. O processo de escolarização da Capoeira no Brasil. In: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Santa Maria, v. 16, n.3, 1995.

_____. Unidade Didática 1: Capoeira. In.: KUNZ, E. (ORG.): **Didática da educação física 3**. Ijuí: Unijuí, 2006.

FOLLE, A. et al. Educação Física e fenomenologia: aproximações e distanciamentos. **Revista Digital - Buenos Aires** - Ano 12 – N° 116 - Janeiro - 2008 - Disponível em: <http://www.efdeportes.com/> Revista Digital - Buenos Aires: Acesso em: 07 maio 2011.

GEERTZ C. **A interpretação das Culturas**. Copyright, 1989.

KUNZ, E. Educação Física Escolar: Seu desenvolvimento, Problemas e propostas. In. **Seminário Brasileiro em “Pedagogia do Esporte” Escolar**. Santa Maria-RS, 1998.

_____. Educação física: ensino e mudança. Ijuí: Unijuí, 1991.

LUSSAC, R. M. P.; TUBINO, M. J. G. Capoeira: A história e trajetória de um patrimônio cultural do Brasil. **Revista da educação Física/UEM**. Maringá, v. 20 n.1, 2009.

MARQUES, M. O. Teorias e Conceitos orientadores da educação física. In: **Seminário Brasileiro em “Pedagogia do Esporte” Escolar**. Santa Maria-RS, 1998.

MARTINS, J. A pesquisa qualitativa. In: FAZENDA, A. I. C. (Org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 9ª ed. São Paulo Cortez, 2004.

MASINI, E. Enfoque Fenomenológico de Pesquisa em educação. In FAZENDA, A. I. C. (Org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional**, 9ª Edição. São Paulo: Cortez 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

REIS, L. V.S. (Org.) SILVA, V. G. **Memória Afro-brasileira artes do corpo**, 2004.

SANTOS, G. O. Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal da educação física. **Revista Brasileira Ciência do Esporte, Campinas**, v.30 n.2 p.123-13, 2009.

SANTOS, L. S. **Educação, Educação Física, Capoeira**: Imprensa Universitária, UEM, Maringá, PR, 1990.

SANTOS, S. O. **Educação Física: Diversidade da Cultura Corporal**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

SILVA, G. O. **Capoeira: do Engenho à Universidade**. São Paulo, 2ª ed, 1995.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, C. E. L. **A Negregada Instituição: Os capoeiras na Corte Imperial**. Rio de Janeiro, RJ: Acces, 1999.

Surdi, A. C. e Kunz, E.- **A Fenomenologia Como Fundamentação Para o Movimento Humano Significativo**. Revista Movimento, Porto Alegre, V. 15, n. 02, p.187-210, 2009.)

TREBELS, A. Para um diálogo entre teorias do movimento humano e teorias do movimento no esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 13, nº 13, 1992.

VIEIRA, L. R. **O Jogo da Capoeira-Cultura Popular**. Rio de Janeiro, RJ: Sprint, 1995.